

Vítor Oliveira Jorge
[Coordenador]

CONSERVAR PARA QUÊ?

8ª Mesa-redonda de Primavera

*Realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto
nos dias 26 e 27 de Março de 2004*

PORTO·COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
2005

A CONSERVAÇÃO DO FUTURO. Morte, Emoção e Estrutura

por

Henrique Gomes de Araújo*

Resumo: o título deste texto pretende expressar o facto de os actores sociais de todas as sociedades e de todas as épocas históricas, conservarem bens para garantirem o futuro dos seus grupos de pertença. Nele, as elites encontram-se particularmente implicadas, pois a conservação é o investimento simbólico e a estratégia *sinae qua non* que servem de garantia do seu próprio futuro e do da sua comunidade.

Palavras-chave: morte; emoção; estrutura.

Abstract: the title of this paper refers to the fact that all social actors, from all societies and all ages, keep goods to guarantee the future for the groups they belong to. This is particularly true of elites because preservation is the symbolic investment and the *sinae qua non* strategy that guarantees their own and their community's future.

Key-words: death; emotion; structure.

INTRODUÇÃO

Este texto procura ser um contributo à dilucidação da questão temática desta mesa-redonda: conservar para quê? E a achega em forma de hipótese é esta: os actores sociais de todas as sociedades e de todas as épocas históricas, conservam bens para garantirem a possibilidade da existência de futuro para os grupos sociais de pertença. Daí o título: a conservação do futuro. O objectivo deste texto é, assim, o de explicitar o sentido da resposta à hipótese que aqui é apresentada.

A problemática em causa foi já objecto de uma primeira definição no texto introdutório a esta mesa-redonda. Nele, Oliveira Jorge circunscreve-a “à nossa sociedade (moderna e pós-moderna)”, o que lhe confere um âmbito mais restrito. O registo

* Antropólogo (Universidade Católica Portuguesa). E-mail: gomesdearaujo@mail.eunet.pt

teórico e abstracto da questão temática em apreço, sofre, assim, uma concretização naquele *hic et nunc*. Nele, as elites¹ encontram-se particularmente implicadas, pois a conservação é o investimento simbólico e a estratégia *sinæ qua non* que servem de garantia do seu futuro.

O contexto em que actualmente emerge esta questão é definido: 1) pelo envelhecimento da população europeia; 2) pela queda da natalidade na Europa, nas últimas décadas; 3) pelo grau crescente de caos e incerteza no futuro com o terrorismo e a globalização de múltiplos sectores de actividade social; 4) pelo consumismo generalizado e 5) pelo consequente endividamento dos particulares e das famílias e, finalmente, 6) pela violência nas suas variadas formas: guerra, terrorismo, violência económica, criminalidade, violência doméstica, aborto, pedofilia, etc.

Por detrás das máscaras dos actores que representam – e de cujas estratégias e poderes simbólicos se ocupa a antropologia social e cultural –, há seres humanos que vivem – e cujo sentido de existência a filosofia indaga – o que dota aquela problemática de uma dupla valência. A própria construção da sua cognição é aqui feita com recurso aos conceitos de **morte**, **emoção** e **estrutura** que são conceitos nodais daquela interface epistemológico.

1. A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Já noutros locais² tenho abordado o conceito de reprodução social que consiste na representação do facto de em todas as sociedades e em todas as épocas sempre se terem consumido bens em ordem à satisfação das necessidades dos membros dos respectivos grupos e sempre se terem conservado outros que, assim retirados da esfera da produção / distribuição / consumo, eram destinados a serem salvos da erosão do tempo para serem entregues à geração seguinte de modo a servirem de garantia da sua sobrevivência. Mas se a conservação sempre foi uma estratégia de sobrevivência, sempre foi também uma incorporação nesses bens do poder simbólico da eternidade, ou seja, de uma (a)temporalidade vocacionada para ser subtraída – e assim resistir –, ao inexorável fluir do tempo histórico.

Ora, quem melhor pode protagonizar a conservação de bens são as elites, na medida em que são elas que por definição detêm o comando dos poderes político, jurídico, económico, militar e artístico e que estão profundamente implicadas na reprodução, manutenção e estabilidade de tal comando, através do sucesso de estratégias de sucessão, dentro do grupo, nos lugares de chefia. São elas, assim, as que em melhor

¹ vid. Mills, C. Wright, ob cit., pp. 3, 11 13.

² vid. Gomes de Araújo, Henrique, ob cit., pp. 154 a 156.

posição se encontram para se candidatarem à materialização do “tempo longo” de que falava Braudel e de assim, criarem futuro. O que parece estar, deste modo, em jogo, é a prevalência, a hegemonia dos processos de reprodução social sobre os processos de extinção social, das relações de reciprocidade amorosa sobre as relações de reciprocidade violenta, do amor sobre a violência³, da paz sobre a guerra, da vida sobre a morte.

2. A METÁFORA DA MORTE

Como vimos, conservam-se os bens que podem ser subtraídos ao consumo para servirem de garantia de futuro aos membros do grupo que perspassa as gerações. Em última análise, conservam-se os bens porque não se pode conservar a vida, no sentido em que a morte é um facto físico e psicológico inevitável numa família, num grupo, numa comunidade que, essa sim, não está condenada a morrer. Morre o indivíduo, mas (sobre)vive a comunidade. A vida sobreleva a morte.

Os bens que são retirados à circulação económica, são acumulados. E esta acumulação de riqueza material e simbólica, confere aos seus detentores um poder que vai perverter as relações (horizontais) de reciprocidade amorosa que os membros da comunidade alimentam, criando agora entre eles relações (verticais) de reciprocidade violenta. O que quer isto dizer? Quer dizer que a percepção da essencialidade das semelhanças entre os membros da comunidade é violentada no sentido de ser transformada na percepção da essencialidade das diferenças entre os membros da estrutura hierárquica. A conservação dos bens confere aos seus detentores o poder de deixarem de se reconhecer como semelhantes, para passarem agora a se reconhecer como radicalmente distintos dos que os não possuem. Toda a distinção de que se reivindicam as elites reside aqui.

A violência gerada pelo processo da conservação tem que ser contida, sob pena de implodir no interior do grupo e, de assim, criar uma ameaça entrópica à sua unidade. Para tal, Deus ou os espíritos dos antepassados são invocados em processos sacrificiais, como fundamentos últimos para o exercício de um poder libertador da violência destruidora, de modo a que, sob a metáfora da morte, se proceda a uma (re)estruturação purificadora da sociedade⁴.

Ora, toda a estrutura é forma no tempo, pelo que este poder purificador das estruturas sociais é o poder poético das formas (as *eidós* dos gregos) políticas, jurídicas, económicas e artísticas que organizam, a vários níveis, a sociedade em causa.

³ idem, p. 161.

⁴ Turner, Victor, ob. Cit., p. 111.

3. “AS ATMOSFERAS EMOCIONAIS”

Na verdade, estas formas detêm uma racionalidade que consiste em configurar as múltiplas situações sociais, afim de nelas introduzir uma ordem no caos das vivências pessoais e grupais. As formas enformam e pretendem conter, assim, as situações a que Sylvia Yanagisako apelida de “atmosferas emocionais” e que são potenciais destruturadores da temporalidade estatuída, ou seja, da própria estrutura das relações sociais existentes⁵.

Estas formas, com toda a sua racionalidade própria – política, jurídica, económica e artística –, não deixam de ser, elas próprias, formas emocionadas, na medida em que a metáfora da morte que por detrás delas se oculta, representa uma ruptura na temporalidade, com toda a desadaptação que ela comporta. Mas são também formas emocionantes, na medida em que, ao pretenderem amortecer aquelas “atmosferas”, acabam por provocar ondas vibrantes nas situações a que se aplicam.

Toda a conservação se faz num contexto ritualizado que a protege da violência que lhe deu origem, purificando-a pela criação de formas vocacionadas para expressar e, ao mesmo tempo, moldar as respectivas “atmosferas emocionais”. Quer isto dizer que é à reconstituição do ritual que originalmente presidiu à conservação, que se deve ir buscar a auscultação das formas políticas, jurídicas, económicas e estéticas segundo as quais a conservação deve continuar a ser feita. Essas “atmosferas” não são, assim, só disruptivas de uma racionalidade cartesiana, mas são também sinalizadoras das melhores opções a tomar no domínio das formas da conservação⁶.

4. DAS ESTRUTURAS SOCIAIS ÀS ESTRUTURAS PSÍQUICAS

Franco Ferrarotti, na sua demonstração das virtualidades do método biográfico nas ciências sociais, propõe uma visão da vida como prática de apropriação, pelo sujeito, das estruturas sociais, da sua interiorização e transformação em estruturas psicológicas, através da sua actividade de destruturação-reestruturação⁷. Cada ser humano é, assim, tomado como um universal singular e cada vida humana aparece como uma síntese vertical de uma história social. A linguagem da biografia é, de certo modo, a linguagem da cultura, ou seja, nela não há só discurso analítico, diacrónico, sintagmático e metonímico, há também aspectos sintéticos, sincrónicos, simbólicos, paradigmáticos e metafóricos. Na analogia de Edmund Leach com a música, na vida

⁵ vid. Gomes de Araújo, *O Tempo das Crises* (em publicação).

⁶ Damásio, António, ob. cit., pp. 107-110, 123.

⁷ Ferrarotti, Franco, ob. cit., pp. 50-51.

psíquica e social não há só melodia (metonímia), mas também harmonia (metáfora)⁸. Assim saibam os cientistas sociais “ler” no sintético singular, o analítico universal.

Ora, como vimos, a estrutura é forma no tempo, ou seja, é temporalidade. E como vimos também, essas formas contextualizam a conservação dos bens patrimoniais. O que agora é significativo é a percepção de que também as estruturas psicológicas são formas no tempo que resultam de destruturações e reestruturações das formas socialmente estatuídas na época e enformantes dos processos, sempre emotivos, de conservação. As “atmosferas emocionais”, não são só sociais, são também psicológicas, pelo que essas formas têm o condão de procurarem moldar e organizar as emoções do sujeito, não deixando de ser elas próprias, emocionadas e emocionantes. As formas temporais, sejam elas sociais ou psicológicas, ao moldarem essas “atmosferas”, amortecem as crises e criam, assim, as condições de conservação e perenidade que garantem a futuridade das sociedades e dos sujeitos.

5. CONCLUSÃO

Procurei evidenciar como a conservação dos bens é essencial, do ponto de vista material e simbólico, ao futuro das sociedades e dos sujeitos. Referi, depois, a importância das elites neste processo, bem como da violência simbólica e da conseqüente “atmosfera emocional” em toda a conservação dos bens patrimoniais. Chamei a atenção para as variadas formas que contextualizam esse processo e que procuram evitar destruturações que possam fazer perigar a perenidade e a conservação desses bens. Por fim, partindo da análise das estruturas psíquicas em função das estruturas sociais, fiz referência à dimensão psicológica dos processos de conservação.

Porto, 26 de Março de 04

FONTES

- DAMÁSIO, ANTÓNIO (1995). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- FERRAROTTI, FRANCO (1981) (1990). *Histoire et Histoires de Vie: La Méthode Biographique dans les Sciences Sociales*. 2ª ed., Paris: Librairie Méridiens.
- GOMES DE ARAÚJO (1998). *Ética, Economia e Educação: Ensaio sobre o Vinho do Porto*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- LEACH, EDMUND, “Cultura/Culturas” in 1985 *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MILLS, C. WRIGHT (1956) (2000). *The Power Elite*, Oxford: Oxford University Press.
- TURNER, VICTOR (1992). *Blazing the Trail*, Londres: The University Press.

⁸ Leach, Edmund, ob. Cit., p. 125.

